

FOLKCOMUNICAÇÃO:

*por uma teoria da comunicação cultural*¹

Maria Isabel Amphilo²

Resumo: Investigação sobre a gênese da teoria da Folkcomunicação, tendo por objetivo identificar suas matrizes epistemológicas e suas raízes metodológicas, bem como caracterizar sua natureza interdisciplinar, gravitando em torno das ciências da comunicação e da cultura. O estudo parte da análise do desenvolvimento dos conceitos de Luiz Beltrão, contextualizando sua ancoragem inicial na teoria do jornalismo (1967) e sua posterior ampliação para incluir as dimensões do processo social da comunicação (1980). Com base na exegese da obra original do fundador da Folkcomunicação, buscamos extrair as contribuições do autor para o avanço das teorias da comunicação ao adaptar dimensões de bilateralidade e de formas de expressão da cultura popular nos processos da comunicação. Realizamos, também, a análise crítica dos avanços teóricos e das estratégias metodológicas construídas pelos estudiosos que deram continuidade aos estudos de Luiz Beltrão. Em seguida, investigamos a disseminação dos conhecimentos sobre folkcomunicação no Brasil e no âmbito acadêmico internacional. O *corpus* analisado foi a obra de Beltrão sobre o tema, bem como, dissertações, teses, livros, artigos e comunicações científicas, que tratam da folkcomunicação. A metodologia utilizada terá por base a pesquisa bibliográfica e documental e a análise taxonômica. O período analisado compreenderá os estudos publicados sobre a Folkcomunicação desde a obra original de Beltrão, em 1967 até 2007.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação, Midiologia Brasileira, Folkcomunicação, Luiz Beltrão.

Resumen: Investigación sobre la génesis de la teoría de la Folkcomunicación, objetivando identificar sus matrices epistemológicas y sus raíces metodológicas, bien como caracterizar su naturaleza interdisciplinaria, gravitando alrededor de las ciencias de la comunicación y de la cultura. El estudio es parte de la análisis de desarrollo de los conceptos de Luiz Beltrão, en el contexto de su retención inicial en la teoría del periodismo (1967) y su posterior ampliación para incluir las dimensiones del proceso social de la comunicación (1980). Basado en la exégesis de la obra original del fundador de la Folkcomunicación, buscamos extraer las contribuciones del autor para el avance de las teorías de la comunicación al adaptar las dimensiones de bilateralidad y de formas de expresión de la cultura popular en los procesos de la comunicación. Realizamos, también, la análisis crítica de los avances teóricos y de las

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado, intitulada: *Folkcomunicação: gênese, desenvolvimento e difusão*, orientada pelo Prof. Dr. José Marques de Melo, com doutorado-sanduiche com o Prof. Dr. Jorge A. González, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México, defendida em 20 de maio de 2010, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

² Graduada em Letras (1994) e Teologia (2000), é Mestre (2003) e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Fapesp. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9660628013591798>. E-mail: isabelamphilo@hotmail.com.

estrategias metodológicas construídas por los estudiosos que dieran continuidade a los estudios de Luiz Beltrão. En seguida, investigamos la disseminación de los conocimientos sobre folkcomunicação en Brasil y en el ámbito académico internacional. El corpus a ser analizado será la obra de Luiz Beltrão sobre el tema, así como disertaciones, tesis, libros, artículos y comunicaciones científicas que tratan de la Folkcomunicação. La metodología utilizada tendrá por base la investigación bibliográfica y documental y el análisis taxonómico. El período analizado comprenderá los estudios publicados sobre la Folkcomunicação desde la obra primera de Beltrão, en 1967, hasta 2007.

Palabras-clave: Teoría de la Comunicación, Midiología Brasileña, Folkcomunicação, Luiz Beltrão.

Abstract: The research project examines the folk-communication theory and pretends to identify his epistemological and methodological sources, likewise to answer how we could characterize his inter-subjected nature, dealing with the communication and culture sciences. The study starts out with a survey of the developments of Luiz Beltrão's ideas and concepts, after that it links an initial Beltrão's ground with a journalism theory (1967) and with his further enlargement, which includes the social process dimensions of communication (1980). On the base of exegesis of the main work of the communication theory founder, we draw out author's contributions for an advance of communication theories, which applies opposite-side dimensions and dimensions of expression forms of a popular culture to the communication process. We made the critical analysis of the theoretical developments and methodological strategies outlined by the scholars, which continued Luis Beltrão's researches. Afterwards, we examine the dissemination of folk-communication knowledge's in Brazil and in the international academic society. The corpus, that will be analyzed, is Beltrão's work about the subject, likewise dissertations, theses, books, essays and scientific passages that deal with the folk-communication. The methodology used is based on the bibliographical and documental research and on the taxonomical analysis. The analyzed period consists of the studies about a Folk-communication published since the main Beltrão's work in 1968 until 2006.

Key-words: Communication Theory, Midiology Brazilian, Folk-communication, Luiz Beltrão.

Introdução:

A proposta desta pesquisa, inicialmente, era o estudo apenas da gênese da Folkcomunicação. Porém, após conversas com o orientador, decidimos abraçar o

desenvolvimento, averiguando as práticas científicas (artigos científicos e congressos), sua institucionalização e a sua difusão, fazendo praticamente um inventário das práticas acadêmicas (teses e dissertações) e, finalmente, como se deu a difusão, seus avanços e suas problemáticas. O objetivo foi averiguar o respaldo científico e acadêmico que sustenta a Folkcomunicação, enquanto disciplina científica.

Esta pesquisa aborda a gênese da Folkcomunicação, enquanto teoria da comunicação popular, ou melhor, cultural, mostrando como se deu o processo da gênese e as matrizes epistemológicas, sociológicas e comunicacionais que originaram e sustentam a folkcomunicação; do desenvolvimento dos conceitos realizados pelos pesquisadores nos congressos FOLKCOM (específico da área), INTERCOM (GT - nacional) e ALAIC (GT - latino-americano); e a difusão, enquanto práticas acadêmicas que dão suporte à pesquisa, como também a internacionalização da folkcomunicação, que começa com Joseph Luyten após o término de seu doutorado; e a incursão de latino-americanos, principalmente o mexicano Jorge González (UNAM), que aborda a comunicação popular a partir da análise semiótica da cultura. Percebemos que alguns pesquisadores, embora não citem o termo “folkcomunicação”, realizam em suas pesquisas trabalhos nesta linha, averiguando o discurso popular e os processos comunicacionais populares: isso é folkcomunicação.

O objetivo principal deste trabalho, em primeira instância, é investigar as origens da folkcomunicação, identificando não somente os teóricos da comunicação, cientistas sociais e folcloristas que respaldaram a tese de Beltrão, mas também as teorias e metodologias que deram sustentação às pesquisas em folkcomunicação e outras que identificamos no decorrer da pesquisa, como também os problemas epistemológicos, teóricos e a dificuldade da difusão desta inovação científica, devido a sua complexidade de natureza interdisciplinar.

Metodologia:

Esta pesquisa foi dividida em três partes, com o objetivo de abordar os processos pelos quais passou a folkcomunicação em termos teóricos, como, também, de difusão, sedimentação e institucionalização da folkcomunicação, principalmente a sua legitimidade acadêmica.

Esta tese apresenta-se de maneira característica latino-americana, em seu hibridismo teórico e metodológico, o que foi um ponto complexo de trabalho. Buscamos seguir, na

verdade, a linha do Orientador, Prof. Dr. José Marques de Melo, que trabalha sob o viés positivista de cunho funcionalista, com o objetivo de explicitar as matrizes epistemológicas da Folkcomunicação.

Ressaltamos que buscamos trabalhar de maneira científica, utilizando metateorias, com o objetivo de validar a Folkcomunicação enquanto uma teoria da comunicação que busca operacionalizar a informação no espaço social, independente de classes sociais. Fazer circular a informação no espaço social é o objetivo da folkcomunicação e é o que buscamos mostrar. Assim, utilizamos nesse processo várias teorias da comunicação e teorias sociais para explicar esses processos, ora assimilando posições, ora confrontando-as.

Trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, em que foram realizadas a coleta de dados e análises quantitativa e qualitativa, na Parte II, na Análise dos Congressos; além de pesquisa taxionômica, na Parte III, em relação às teses e dissertações, e inventário da produção bibliográfica e documental.

A mestiçagem metodológica ocorreu devido às metas traçadas. Para isso, em cada parte, foi utilizado um viés. Para a primeira parte, em que o objetivo era abordar *A Gênese e os Fundamentos da Folkcomunicação*, trabalhamos a partir do estrutural-funcionalismo, mostrando de que maneira foi elaborada a teoria, apontando suas principais matrizes: epistemológicas, antropológicas e sociológicas e comunicacionais. O objetivo foi apresentar os fundamentos da Folkcomunicação, em termos epistemológicos e teóricos, bem como, fechar as arestas que pediam dois novos componentes no processo de intelecção, que são a *doxa* e o *habitus*.

A segunda parte, a que denominamos *Desenvolvimento: O desenvolvimento das idéias pelos agentes e o confronto com outras Teorias*, teve como respaldo científico a pesquisa quantitativa e qualitativa de 10% da produção científica dos Congressos Folkcom (específico da área), Intercom (âmbito nacional) e Alaic (âmbito latino-americano), ou o mínimo de um artigo por congresso. As categorias analíticas foram: *Autor, Assunto, Metodologia, Objetivo da Pesquisa, Principais Conceitos e Referências Bibliográficas*, nortearam a investigação. Além da identificação da incursão de pesquisadores de sete países nas pesquisas folkcomunicacionais, pudemos averiguar a existência de gerações de pesquisadores.

Finalizando, buscamos, ainda, abordar a Folkcomunicação no confronto com outras teorias sociais e culturalistas, com o objetivo de averiguar sua validade e fortalecimento de conceitos.

A terceira parte, denominada *A Difusão da Folkcomunicação: as práticas acadêmicas e científicas*, buscou identificar, através do difusionismo e das categorias propostas por Everett Rogers (*Diffusion of Innovations*, 1995), para averiguar os problemas que frearam a difusão da folkcomunicação no meio acadêmico e a superação desses entraves para o seu desenvolvimento e difusão.

Everett Rogers (1995, p. 5), conceitua o termo “difusão”, entendendo-o como o “processo através do qual uma *inovação é comunicada* por intermédio de certos *canais* durante um *corte temporal* aos componentes de um *sistema social*”. A partir dessa conceituação e utilizando esses indicadores como parâmetros para esta pesquisa, utilizamos a sistematização de Marques de Melo (1996, p. 15) para redefinirmos a nossa pesquisa, conforme segue: *Inovadores*: realizamos uma divisão histórica-contextual das gerações da Folkcomunicação, subdividindo-os entre: Geração Precursora, Geração Pioneira (década de 60-70), Geração inovadora (década de 80-90), Geração Renovadora (1998 a atualidade). Os *canais* de comunicação que nos propomos a verificar são as publicações acadêmicas (dissertações, teses, livros e periódicos), comunicações científicas (anais dos congressos Folkcom, Intercom, Alaic) e comunicações didáticas (aulas, palestras e conferências). O *corte temporal* abrigou o período correspondente a 10 anos de pesquisa acadêmica e científica, de 1998 a 2007.

O *sistema social* abordado foi a comunidade acadêmica, integrada por professores e pesquisadores, identificados a partir de suas participações nos Congressos Folkcom, Intercom e Alaic (nos grupos de trabalho de folkcomunicação), além do Congresso Nacional (Brasileiro) de Folclore, que, em 2007, abriu um grupo de trabalho em Folkcomunicação; bem como da produção de teses e dissertações em que identificamos os orientadores e as Escolas de Comunicação que mais produzem material científico sobre a área.

Dessa forma, com o objetivo de pesquisar não somente a gênese, mas a difusão da folkcomunicação, buscamos identificar de que forma se deu esse processo, tendo como agentes principais da difusão das idéias de Beltrão os professores e pesquisadores que

disseminam os conceitos teóricos da folkcomunicação, através do trânsito em congressos nacionais e internacionais.

Realizamos, também, uma pesquisa taxionômica da produção intelectual, não somente denominada Folkcomunicação e Folkmídia, mas a partir de palavras-chave como “Folclore”, “cultura popular” e as suas relações com a “Comunicação” ou com a “Mídia”. Essas palavras foram obtidas, não somente nos títulos, ou palavras-chave das pesquisas, mas também nos resumos e considerando, algumas vezes, a linha de pesquisa do orientador. Assim, realizamos um inventário da produção intelectual nos estudos de “Comunicação Popular” no Brasil, verificando teses e dissertações, que nos levaram às Escolas de Comunicação do país e os orientadores, que são os formadores de pesquisadores-docentes. O material levantado poderá contribuir para pesquisas posteriores.

Como *corpus* pesquisado, selecionamos as unidades de estudo correspondentes a três núcleos de difusão, conforme Marques de Melo (1996, p.16-17):

Revistas especializadas: a) Revista Internacional de Folkcomunicação; b) Comunicação & Sociedade; c) Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (INTERCOM); d) Anuário UNESCO/METODISTA de Comunicação Regional; e) Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA); f) Revista ALAIC; g) Anais ELACOM; h) Razón y Palabra.

Anais dos Congressos: a) FOLKCOM (específico da área); b) INTERCOM (nacional); c) ALAIC (latino-americano).

Escolas de Comunicação: as Escolas de Comunicação são centros permanentes de difusão de conhecimento e paradigmas científicos. Dessa forma, a partir da pesquisa taxionômica, foram reveladas as escolas que produzem conhecimento sobre os estudos de Comunicação, Folclore e Cultura Popular, ou ainda Estudos de Mídia e Cultura Popular.

1. A gênese e os fundamentos da Folkcomunicação

A Folkcomunicação parte dos pressupostos funcionalistas, com vistas ao diálogo, ao desenvolvimento, à integração social, às transformações sociais e à interrelação, principalmente, dos sistemas comunicacionais, formais e informais, fazendo fluir a informação no espaço social, vencendo a “incomunicação”, promovendo a paz social e integrando o país.

Porém, o desenvolvimento de suas pesquisas refletem uma contradição ideológica ao integrar na base de sua investigação, de cunho funcionalista/difusionista, categorias marxistas, como superestrutura, marginalizados, alienados entre outras, e o entusiasmo de Beltrão ao assimilar o processo de “recomposição folclórica” do sociólogo Edison Carneiro, de linha neomarxista, que aborda a dinâmica social sob o prisma da dialética. Com o objetivo de vencer a “**incomunicação**” e compreender as mensagens codificadas e complexas, das “tribunas” populares, Beltrão cria um “desvio ideológico” em sua pesquisa, gerando uma certa confusão de ordem epistemológica, de linha investigativa para o pesquisador. Em sua tese de doutorado, ele realizou uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a comunicação no Brasil colonial, porém, a partir do materialismo histórico e dialético.

Compreendemos esse “desvio” de Beltrão, na medida em que se dispõe a estudar os elementos do processo de comunicação popular, considerando-os em seu contexto, mas se perde da proposta difusionista, com foco na mudança de atitude, integração nacional e inclusão social, apreciados por Beneyto no Julgamento da Tese de Doutorado de Luiz Beltrão (BENJAMIN, 1998). Para realizar um estudo sistemático sobre a comunicação popular no Brasil colonial, Beltrão julga necessário pesquisar, primeiramente, o ser humano em seu contexto histórico e social, para, então, identificar os grupos sociais, seus líderes de opinião, seus mecanismos de persuasão, suas mensagens, suas linguagens e metalinguagens, discursos. Assim, Beltrão se desvia da linha ideológica de sua pesquisa, funcionalista/difusionista, traçado na parte teórica de sua tese e sente-se desafiado a compreender a mentalidade do homem do povo e suas mensagens. Esse respaldo Beltrão encontra nos estudos sociológicos e antropológicos de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Edison Carneiro e em folcloristas como Câmara Cascudo. A intenção de Beltrão, porém, não está em promover ou valorizar o folclore nacional, mas em compreender as mensagens codificadas e democratizá-las, promovendo o diálogo sobre problemáticas sociais.

A dificuldade em se trabalhar de maneira transdisciplinar, torna a folkcomunicação uma disciplina complexa. Ao estudar o folclore e as práticas culturais é preciso compreender os processos históricos pelos quais passaram determinados fenômenos, para depois, então, averiguar as relações estabelecidas e os processos comunicacionais, dependendo da meta do pesquisador.

A Folkcomunicação vem fechar essa brecha teórica e conceitual de uma realidade do cotidiano que, antes, era descartada pelos investigadores, que se detinham na comunicação formal, que era perceptível, porém, não explorada devidamente por antropólogos, sociólogos e linguistas. Faltava-nos o estudo dos grupos sociais e seu poder persuasivo, o que Beltrão realiza com Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados (1980), em que estuda os grupos marginalizados. É no grupo que o ser humano massificado retoma sua identidade e pode ter sua liberdade de expressão resgatada.

Não obstante o valor cultural e histórico dos estudos sobre Folkcomunicação, é impossível esconder que neles estão presentes algumas contradições e ambiguidades. A leitura dos textos indica que tais problemas são percebidos, mas parece que a saída encontrada é a de não enfrentá-los. Daí a impressão de certas impropriedades conceituais que na verdade são marcas de indefinição ideológica. Por exemplo, ao proclamar a folkcomunicação como um conjunto de formas de expressão das camadas marginalizadas da nossa sociedade, Beltrão foge inegavelmente à discussão sobre a questão das classes sociais no Brasil e deixa de identificar tais manifestações aparentemente marginais como práticas sociais e culturais que traduzem uma ação política dissimulada das classes trabalhadoras. Mas também Beltrão não nega essa essência. E o que fica é, portanto, a ideia de nebulosidade teórica, que traduz uma vacilação ontológica (MARQUES DE MELO, 2001, p.26).

A reinterpretação das mensagens não se fazia apenas em função da “leitura” individual e diferenciada das lideranças comunitárias. Mesmo sintonizadas com as “normas de conduta” do grupo social, ela continha fortemente o sentido da “coesão” grupal, captando os signos da “mudança social”, típico de sociedades que sofrem as agruras do meio ambiente e necessitam transformar-se para sobreviver (MARQUES DE MELO, 2008, p. 29). É no grupo em que o “homem-massa” (Ortega y Gasset) pode voltar a “tornar-se pessoa” (Carl Rogers), em que o indivíduo volta a ser chamado pelo nome e lá tem voz e vez. Assim, a cultura, no espaço social, tem a função de integrar a sociedade, independente de classe social, religião, sexo, idade, enfim, indistintamente, em prol do bem-comum.

A Folkcomunicação, então, faz parte de uma das dimensões da comunicação popular, em seu viés que aborda a questão da inclusão social, de transformação social; da necessidade de uma mídia cidadã, que promova as festas populares e religiosas, visando a projeção midiática

e a partir dessa projeção, desencadeie outros processos, como a procura pelo turismo religioso, cultural, regional, movimentando a economia das cidades. Abordamos essa temática desde o ano de 2006, em nosso artigo sobre o Círio de Nazaré: a mídia em prol do desenvolvimento regional (AMPHILO, 2006).

A Folkcomunicação tem por objetivo maior o desenvolvimento regional, a inclusão e transformação social, a compreensão das mensagens populares e a promoção da integração e da paz social. *Para Schramm, los efectos de las comunicaciones masivas son positivos para el mantenimiento de la paz internacional y el desarrollo económico y cultural de los pueblos* (MORAGAS, 1981, p. 65).

Podemos, no entanto, sistematizar os estudos em folkcomunicação a partir do paradigma de Lasswell:

1. **Quem:** estudos dedicados ao estudo do emissor, seu lugar de fala, seu contexto só-político e econômico;
2. **Diz o que:** a pesquisa se ocuparia da dos estudos da mensagem, dos estudos de significação, do intervalo semântico;
3. **Em que contexto:** averiguar os contextos de onde a mensagem é emitida e o contexto de recepção, no que pode alterar a compreensão do sentido da informação;
4. **Em que canal:** a investigação se dedicaria aos estudos dos meios de informação populares e primitivos, como também dos meios formais de comunicação e sua inter-relação com o folclore e a cultura popular;
5. **Com que efeito:** o pesquisador se dedicaria aos estudos dos efeitos, do impacto da mensagem no contexto de recepção.

Essa sistematização nos possibilita direcionar as investigações e um maior domínio do pesquisador pelo seu objeto de pesquisa, que deve ser delimitado a partir do ponto escolhido para delinear sua investigação.

A crítica de Beltrão era que os meios de comunicação coletiva, como eram chamados, não estavam dando conta de persuadir a grande massa da população brasileira, para apoiar os projetos do governo de maneira consciente. Isso porque, praticamente, 70% da população brasileira da época, era considerada analfabeta. Beltrão realiza, na verdade, uma crítica severa aos meios de comunicação massivos da época que não estavam cumprindo com o seu papel de

manter o povo informado, mas “enformado”, como afirmava Cassirer, num sistema social-político e econômico que privilegiava as classes dominantes, em detrimento das classes subalternas.

Creemos que, a respeito dessa realidade da sociedade de massas, em que o ser humano perde sua identidade, transformando-se no “homem-massa” de Ortega y Gasset, podemos encontrar as respostas na filósofa comunicacional Adísia Sá, em que numa realidade de massa é necessário ao indivíduo “tornar-se pessoa”, parafraseando Carl Rogers. E onde o indivíduo volta a tornar-se pessoa? Onde o indivíduo readquire voz e vez? Onde o indivíduo pode expressar suas ideias e opiniões? Resposta: **nos grupos sociais.**

Quanto à expressão de seu pensamento e aspirações, utilizam, como os demais grupos marginalizados, os meios que denominamos de folk. No entanto, é em *manifestações soletivas e atos públicos*, promovidos por instituições próprias (sindicatos, associações desportivas, beneficentes e recreativas, como escolas de samba, clubes carnavalescos e conjuntos folclóricos, ou organizações religiosas, como irmandades e confrarias católicas, centros espíritas, terreiros de umbanda e candomblé, igrejas e tendas de confissões evangélicas pentecostais) *que, sob formas tradicionais, revestindo conteúdos atuais, sob ritos, às vezes universais, mas consagrados pela repetição oportuna e especialmente situada, essa massa popular urbana melhor revela suas opiniões e reivindicações*, exercitando a crítica e advertindo os grupos do sistema social dominante de seus propósitos e de sua força (BELTRÃO, 1980, p. 60).

Por isso, o foco de Beltrão em *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980), está nos grupos sociais. A sistematização das classes populares em grupos facilita a pesquisa, como também, a análise dos discursos populares, averiguando suas denúncias e reivindicações, como também o estudo da opinião pública. A partir de um estudo sistemático dos grupos sociais pode-se detectar onde estão os “nós” que precisam ser “desatados” e que devem ser transformados em “políticas públicas” em benefício social.

A Folkcomunicação deve ser entendida como um sistema complexo de comunicação, analisado dentro de um recorte social, porém, contextualizado no tempo, no espaço e em suas condições sócio-político-econômicas e de desenvolvimento. Não nos esquecendo de que aquela comunidade faz parte de um todo social, de um ecossistema cultural. Para Schramm (*apud* MORAGAS SPA, 1981), a comunicação humana, enquanto processo comunicacional, pode ser representada através de uma “tuba”, mostrando-nos uma comunicação em múltiplos estágios, como uma reação em cadeia, realizando uma comunicação dialética, com um

reaproveitamento da informação. O problema é que no sistema de comunicação popular há a necessidade de domínio do ecossistema simbólico pertencente ao grupo ou comunidade e é inteligível a esses, ou seja, indivíduos de outro grupo ou comunidade, que não dominem as representações simbólicas daquele fenômeno expresso pelo grupo, não compreenderão a mensagem, ou discurso.

2.3. O Folkcomunicador – um mediador

O papel dos agentes de folk é traduzir os códigos indecifráveis às pessoas menos letradas, os significados de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa, a pessoas que não decifram os códigos da cultura de elite e transmitir a informação decodificada de maneira acessível e inteligível.

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares a audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p.28).

Assim, diferentemente do agente de folk, o trabalho do folkcomunicador é ser um decifrador de códigos, que consegue decodificar os códigos da cultura popular de determinada localidade ou região, além de recodificá-los, em um novo sistema de códigos e sinais, considerando o contexto vivencial do emissor e do receptor, tornando a mensagem inteligível à audiência. Porque do emissor e do receptor? Porque uma palavra pode mudar de sentido de uma de uma região a outra, ou adquirir novos significados, assim, uma palavra que tem um determinado sentido no contexto do emissor, pode não significar nada ao receptor, se este não conhece o contexto do emissor e suas determinações. Assim, é necessário a re-significação com a utilização de outro sistema de códigos inteligível para o público alvo. Explico: o símbolo da cruz suástica só significa àquele que conhece aquele símbolo e a carga simbólica expressa por intermédio dele, além de conhecer a realidade contextual do seu surgimento, ou seja, das condições de produção do discurso daquele símbolo; assim o Folkcomunicador é conhecedor do profundo significado do símbolo em sua realidade contextual, o peso semântico que tem aquela imagem, ou seja, caso contrário, o código imagético torna-se indecifrável.

Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa, as populações marginalizadas urbanas e até mesmo extensas áreas proletárias ou de subempregados se comunicam através de um vocabulário escasso e organizado em significados funcionais próprios dentro dos grupos. Quando se pretende transmitir uma mensagem a esses indivíduos, e especialmente quando seu conteúdo insere novo sistema de valores e conceitos, como no caso de campanhas mundanistas, **é preciso “traduzir-lhes” a idéia, adequando-a aos esquemas habituais de valoração dos destinatários.** O líder comunicador de folk é um tradutor que não somente sabe encontrar palavras como argumentos que sensibilizam as formas pré-lógicas que, segundo Levy Bruhl, Bastide, Malinowsky e outros cientistas sociais, caracterizam o pensamento e ditam a conduta desses grupos (BELTRÃO, 1980, p. 37-38, grifo nosso).

Ao decifrar os códigos, são esperados resultados, o *feedback*, o retorno, a ação do receptor em favor do emissor. Porém, se o receptor compreender além dos códigos, que está sendo dominado, que está sendo ludibriado, pode responder com um contra-discurso violento e agressivo, mas através de uma linguagem conotativa, simbólica, através, por exemplo, de representações simbólicas, em uma prática cultural, e às vezes não inteligível ao emissor, em muitos contextos de repressão. Quanto mais agressivo o governo opressor, quanto mais ameaçador, mais indecifrável é o código, pois pretende ser inteligível somente a um ou determinados receptores, não sendo inteligível ao dominador. Por isso, a folkcomunicação engloba os sistemas de comunicação popular existente em todas as culturas. São diferentes sistemas de comunicação popular, cuja teoria pode ser aplicada em outras realidades verificando a alta comunicabilidade da cultura popular de outros povos, decifrando códigos e linguagens antigos, ou em épocas de repressão, ou em situações de terceiro mundo, em que a comunicabilidade acontece através de um sistema de códigos próprio daquela região, inteligível apenas a um grupo seletivo de indivíduos daquele sistema social, ou aos habitantes daquela localidade, região ou nação, dependendo da importância que aquela informação, que está sendo veiculada, tem para aquele determinado contexto vivencial.

Assim, queremos demonstrar, com isso, que, no sistema de comunicação popular há várias variáveis que devem ser consideradas, além do imaginário popular, o sistema de representações simbólicas e as práticas culturais, a valoração dos bens simbólicos, além do *habitus*, *modus operandi* e *modus vivendi* e o *ethos* social de determinada comunidade. São categorias sociais de Bourdieu que interferem no processo comunicacional e que, se desconsiderados, conseqüentemente, a mensagem não alcançara seu objetivo, ou seja, o *feedback*.

Nas práticas culturais, as **representações simbólicas** dão conta de realizar esse processo de expressão informativa, interpretativa e opinativa popular, que se realizam através de linguagens e códigos inteligíveis àquele grupo social. Porém há aqueles que não fazem parte do grupo social, mas que conseguem decifrar os códigos e as representações, estes são os chamados criptanalistas. “*Os criptanalistas norte-americanos que durante a guerra liam mensagens secretas dos japoneses, não eram os destinatários dessas mensagens. (...) e a tarefa do lingüista é começar como criptanalista para acabar como o decodificador normal da mensagem*” (JAKOBSON, 1995, p. 23). É uma pessoa que não faz parte do meio, mas que, pela investigação, passa a decifrar os códigos e a emitir novas mensagens, a partir da informação recebida, ou seja, ele decodifica e recodifica em linguagem inteligível às pessoas de interesse daquela mensagem.

Temos aqui duas questões: a função e o poder contribuem para modificar a concepção de uma realidade. Especialistas em folclore e cultura popular podem ser folkcomunicadores, mas nem todos assumem essa função perante a sociedade, enquanto líderes de opinião e especialistas, que traduzem o *habitus*, o *modus vivendi*, a doxa, de determinadas culturas e etnias. E, por conhecer, pode através do seu discurso promover o esclarecimento de determinados assuntos naqueles contextos específicos e promover a paz, ou uma mudança de opinião e atitude, em relação à questão social problematizada. O Folkcomunicador é, por vezes, levado aos meios massivos de comunicação, sejam eles rádio, televisão, entre outros, para explicar porque e como acontecem determinados fenômenos em âmbito popular, para levar à sociedade assuntos que precisam ser discutidos, pois todos fazemos parte do espaço social da cidade, ou estado ou país, dependendo do âmbito da problemática. São comentaristas de escolas de samba, escritores, professores, líderes de opinião de determinada temática popular, que entendem de traços específicos da cultura popular e do folclore e conseguem interpretar os códigos, tornando-os inteligíveis a todas as classes sociais, promovendo o diálogo sobre problemáticas sociais, através dos meios massivos de comunicação, aos órgãos de competência que de fato tem o poder de mudar tal situação.

Assim, cabe a Folkcomunicação não somente decifrar os códigos e descobrir o conteúdo informacional, que estava codificado através de outras linguagens (códice azteca, festas populares, expressões da religiosidade popular, pinturas rupestres, ritos, mitos, linguagem

conotativa ou figurada, enfim), mas também trazer à luz as relações estabelecidas, identificando os elementos do processo comunicacional: o emissor, o receptor, além dos contextos de produção e o lugar de fala do sujeito, e de recepção, averiguando os processos comunicacionais, levando-se em consideração as variáveis dos processos, como a doxa, que é o filtro pessoal, como também, o surgimento de ruídos técnicos ou semânticos, buscando, posteriormente, verificar se o efeito desejado pelo emissor foi alcançado, através do feedback, ou seja, averiguar se houve “mudança de atitude” do receptor.

2. O desenvolvimento das idéias pelos agentes e o confronto com outras teorias

A institucionalização da Folkcomunicação reclama uma revisão histórico-crítica da teoria da folkcomunicação e suas variantes epistemológicas teóricas e metodológicas, revisitando os conceitos elaborados por Beltrão e outros elaborados por seus discípulos e simpatizantes. Esse processo foi realizado a partir da seleção e averiguação dos dados de 10% da produção científica em 10 anos de congressos.

A Folkcomunicação se desenvolveu e se expandiu na década de 1990, devido ao incentivo da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação, como também, através da formação de Grupos de Estudos em Folkcomunicação em congressos (como o INTERCOM, ALAIC, LUSOCOM e o Congresso do Folclore Brasileiro). Conforme Roberto Benjamin (1999), “a expansão da área de estudo da folkcomunicação vem sendo realizada com a produção científica dos continuadores e teóricos de outras áreas, dentro de perspectivas interdisciplinares”. Assim, com o incentivo de instituições e as produções científicas, além da contínua formação de novos pesquisadores, a folkcomunicação tem se fortificado e conseguido seu espaço na academia, sendo já possível vislumbrar avanços significativos nas produções da área, a partir da concessão de bolsas a pesquisadores, tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação, como tem acontecido na UMESp – Universidade Metodista de São Paulo, que tem cedido cotas CAPES e CNPq a investigadores de Folkcomunicação; quanto na produção intelectual desses investigadores e, a partir desses, na formação de graduandos com pesquisas em iniciação científica em Folkcomunicação. Assim, veremos no quadro na Produção Intelectual as Universidades que tem investido na pesquisa nos Estudos de Mídia e Cultura Popular, Comunicação e Folclore e em Folkcomunicação,

como também os intelectuais que orientam tais pesquisas, sendo formadores da intelectualidade brasileira.

Importante, também, foi identificar as gerações de pesquisadores que contribuíram, de alguma maneira, aos estudos e pesquisas sobre a folkcomunicação e a folkmidia. Entendemos fazer parte da **Geração Precursora** os primeiros pesquisadores que se preocuparam com a alta comunicabilidade do folclore e da cultura popular no Brasil e a sua relação com os meios de difusão simbólica formal e informal. Nesta geração temos o próprio Luiz Beltrão e pesquisadores que já vislumbravam a folkcomunicação em décadas anteriores, sendo eles Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, bem como folcloristas como Edison Carneiro e Câmara Cascudo, que registrou em seu dicionário conceitos como os de folclore, literatura oral, sendo sua obra considerada como um estudo sistemático de nosso folclore. E inserimos neste grupo o importante trabalho de Mário de Andrade, de resgate do folclore nacional.

A Geração Pioneira da Folkcomunicação (década de 60-70) emerge sob a ditadura militar, um período nebuloso no país, em que tratar de “Folkcomunicação”, enquanto “comunicação dos marginalizados”, ou “das classes subalternas”, era um assunto delicado, tanto que a parte teórica da tese de Beltrão, defendida em 1967, foi suprimida para sua primeira publicação. Já o título, Beltrão só o recebeu com a abertura política do país, em 1981, 14 anos depois da sua defesa, na Universidade de Brasília.

O marco histórico da Geração Inovadora (década de 80-90) é a abertura política do país, em 1979, e a possibilidade de se publicar sobre Folkcomunicação, sem ter a preocupação de uma perseguição política e ideológica. A publicação de Beltrão, “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” (1980), pela Editora Cortez, é outro marco dessa geração, que agora tem em suas mãos uma atualização elaborada pelo próprio Beltrão, que estava esperando o momento certo para a publicação.

A Geração Renovadora (1998 aos nossos dias) é marcada por uma série de ações. A primeira delas é a criação do Congresso FOLKCOM, sob o respaldo da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional; pela formação do Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação, na INTERCOM; e do Grupo de Trabalho em Folkcomunicação na ALAIC; da formação da Rede FOLKCOM; da criação da Revista

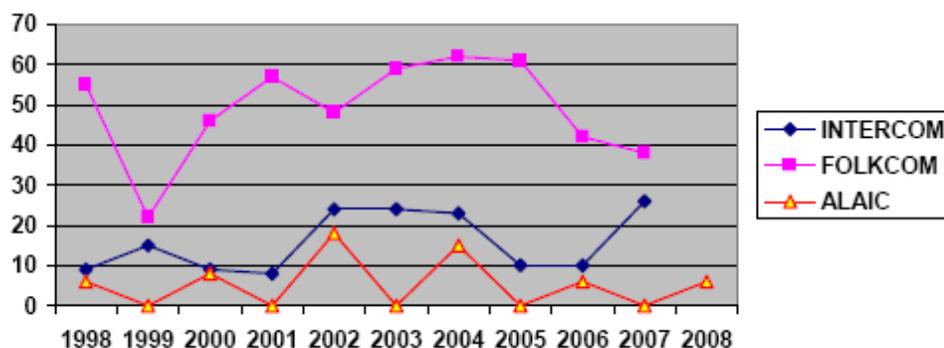
Internacional de Folkcomunicação; além de Grupos que vem sendo formados em outros congressos, a cada ano, como o GT formado no LUSOCOM e o GT 06 formado no Congresso Brasileiro de Folclore.

A formação de Núcleos de Pesquisa e Grupos de Trabalho aglutinam pesquisadores, que apresentam suas pesquisas, proporcionando a difusão da Folkcomunicação e o debate construtivo de novas idéias e conceitos, gerando o fortalecimento e sedimentação da área, além do movimento de internacionalização da Folkcomunicação, através do trânsito de pesquisadores num fluxo e contra-fluxo, ou seja, pesquisadores brasileiros que participam de congressos no exterior levando a Folkcomunicação enquanto teoria da comunicação e enquanto disciplina científica; e o movimento contrário de pesquisadores de outros países da América Latina, Europa e África, que começam a trabalhar a comunicação popular a partir da Folkcomunicação, com a utilização de material disponibilizado on-line, como o Portal Luiz Beltrão e a Revista Internacional de Folkcomunicação.

Sobre os Congressos:

O bloco de congressos analisados: Folkcom, Intercom e Alaic, além da considerável criação do GT Folkcomunicação no Congresso Brasileiro de Folclore, em 2007, perfaz uma produção acadêmica sólida, que proporciona um material de pesquisa denso para a investigação em Folkcomunicação e sedimenta a área no campo acadêmico.

Tabela 0-41: GRÁFICO COMPARATIVO PRODUÇÃO CIENTÍFICA: FOLKCOM, INTERCOM E ALAIC



A incursão de latino-americanos foi realizada a partir da participação efetiva dos pesquisadores abaixo relacionados, através de suas apresentações de artigos, conferências, painéis, colóquios acadêmicos, já apresentados dentro do contexto dos congressos em que os/as pesquisadores/as participaram:

A produção científica produzida nos congressos, no período analisado de 10 anos, totalizaram 490 produções nos Congressos Folkcom; no Congresso Intercom, 149 artigos no NP Folkcomunicação; e 59 produções acadêmicas no GT Folkcomunicación da ALAIC, além de 8 produções no Congresso Brasileiro de Folclore, que inseriu o GT Folkcomunicação em 2007. Essa produção científica totaliza 706 artigos, em 10 anos de trabalho árduo dos pesquisadores, que se dedicam desde o princípio das pesquisas em Folkcomunicação, como os Professores Dr. José Marques de Melo e Dr. Roberto Benjamin, além do respaldo acadêmico da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e das universidades onde os congressos foram realizados.

Conclusões da Parte I:

As primeiras conclusões a que chegamos na Parte I é da complexidade da Folkcomunicação, enquanto estudo da produção simbólica de um povo, averiguando a alta comunicabilidade de suas expressões folclóricas e culturais, que alimentam as indústrias culturais, gerando outros processos que alavancam o desenvolvimento de regiões, que sobrevivem do turismo, da religiosidade popular e da indústria da criatividade, movimentando a economia da cultura local e regional.

Beltrão identificou a bipartição entre dois Brasis (elite e massa popular), ou seja desníveis sociais, que geravam outros desníveis, como os desníveis internos de cultura (Cirese); que andavam em descompasso, em que o primeiro caminhava a passos largos ao desenvolvimento e outro marginalizado dos processos desenvolvimentistas, alienado aos benefícios do desenvolvimento. Uns porque discordavam ideologicamente do governo, porém outros, são marginalizados pela incompreensão das mensagens midiáticas, visto que na época de Beltrão o analfabetismo no país estava na casa dos 70% e hoje, em torno de 12 %, além de

atualmente contarmos com um jornalismo mais cidadão, mais voltado à sociedade, embora cumprindo a agenda das elites dominantes.

Beltrão reclamava um estudo sistemático das manifestações opinativas populares, para que a mensagem fosse traduzida ao governo, que através dos meios de comunicação de massa, se voltassem ao povo; o objetivo de Beltrão era operacionalizar a informação no espaço social; era promover a discussão social de determinados temas e tornar possível o diálogo social. Por isso, para ele, a folkcomunicação não é uma comunicação classista, esse não é seu objetivo e, para isso, propunha que a cultura poderia realizar essa quebra de bloqueio comunicacional. O foco de Beltrão está na compreensão dos discursos dominante/dominado; seu objetivo está mais para uma comunicação cidadã, visando a inclusão social.

Assim, entendemos que Beltrão realizou uma predição suicida, quando chama a atenção da elite dirigente da nação para o “tremendo perigo que esse desconhecimento dos meios de comunicação do povo representa para uma civilização” (BELTRÃO, 2001, 63). O demônio agostiniano da descoberta do poder dos sistemas de comunicação popular, teria duas possibilidades de repercussão: de fortalecimento popular de articulação de idéias, como, de o governo de manipular a informação, visando a preservação da hegemonia. Nossa constação está em que fortaleceu-se a comunicação social no país, através da retro-alimentação (MCM – MCF), principalmente com o acesso às tecnologias da informação, que entendemos serem complementares. Além disso, Beltrão disponibilizou material didático para a formação dos primeiros jornalistas do país e, conseqüentemente, a difusão de suas idéias, que via a necessidade de um jornalismo cidadão, que ajudasse na formação opinativa popular.

Beltrão chama a atenção das classes dominantes e dirigentes a ouvir o povo e, não somente, falar e fazê-los “engolir” suas aspirações. A convivência pacífica no espaço social requer diálogo e negociações. Beltrão faz parte do início de um movimento de intelectuais que anos depois, na década de 1970, voltam-se ao povo para entendê-lo. O desafio, porém, vai além da compreensão das necessidades e reivindicações das classes populares; Beltrão tem por objetivo buscar soluções comunicacionais, visando a promoção da integração nacional.

O papel que realiza o líder folk e o folkcomunicador é, na verdade, o papel do jornalismo interpretativo e opinativo. A formação jornalística, hoje, leva em consideração seu público-alvo e valoriza o jornalismo especializado, que visa, justamente, realizar essa “ponte” proposta

por Beltrão. A descoberta inovadora de Luiz Beltrão está em descortinar a comunicação social no Brasil, considerando outra via de comunicação, que é a comunicação popular, com seus sistemas de informação, seus processos de difusão e intelecção das mensagens veiculadas. Fazer fluir a informação “limpa”, ou o mais próximo do seu sentido original e sua significação, considerando o receptor e sua subjetividade, sua *doxa*, seu *habitus*; ou seja, o emissor precisa conhecer seu receptor de maneira mais complexa, antes de emitir uma informação, principalmente, se essa informação for uma inovação, ou esbarre nos valores éticos e morais da população.

Conclusões da Parte II:

A Parte II tinha por objetivo estudar o Desenvolvimento da Folkcomunicação. Para isso, julgamos necessário identificar as gerações de pesquisadores e os marcos históricos, que influenciaram suas pesquisas. Assim, pudemos averiguar que o grande “boom” da folkcomunicação acontece após a criação dos Congressos Folkcom e os GT’s de Folkcomunicação, nos Congressos Intercom e Alaic; além do respaldo da Cátedra Unesco/Umesp, através de publicações e a criação do Portal Luiz Beltrão, mantido pela Cátedra; a Rede Folkcom também foi outra ação que contribuiu para esse processo, já que, passados os 10 anos de produção científica, tem-se um respaldo acadêmico que sustenta a disciplina Folkcomunicação/Folkmídia, que conquista seu espaço na academia, ganhando legitimidade acadêmica, através de ações como a instituição do Ano Luiz Beltrão, em 2006, aclamado pela instituição de maior “peso” acadêmico em termos comunicacionais, que é a Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação; além do Prêmio Luiz Beltrão, que desde 1998, homeganeia todos os anos 4 (quatro) representatividades do avanço das ciências da comunicação no Brasil.

O desenvolvimento das idéias de Beltrão circularam nos congressos e fomentaram cerca de 490 trabalhos científicos. Os congressos realizados totalizaram, em 10 anos de produção científica, cerca de 490 produções no Congresso Folkcom; 149 no NP Folkcomunicação, da Intercom; e 59 produções acadêmicas no GT Folkcomunicación, da ALAIC; além de 8 produções, no Congresso Brasileiro de Folclore, que inseriu o GT Folkcomunicação, em 2007.

Essa produção científica chega a, aproximadamente, 706 produções científicas, em 10 anos de trabalho.

A pesquisa revelou que a Folkcomunicação vem crescendo com o passar dos anos e, cada vez mais, aglutinando pesquisadores que trabalham na temática do Folclore e Cultura Popular e suas relações, as mediações e as interfaces midiáticas geradas e que alimentam a indústria cultural do país. O estudo revelou a alta quantidade de citações de autores nacionais, devido à necessidade de se traduzir as informações midiáticas e dos fatos folclóricos e das práticas culturais, como também, a citação de autores estrangeiros em busca de respaldo epistemológico e teórico-conceitual, que se faz necessário para a fundamental científica da folkcomunicação. O problema que algumas vezes acontece é do “encanto” do pesquisador pelo folclore e pela cultura popular, que altera os resultados da pesquisa, “supervalorizando” a cultura, sendo que o foco deve ser comunicacional. Esse deve ser um ponto de atenção ao pesquisador.

Verificou-se que, no processo de justificação e validação com outras teorias sociais e comunicacionais (quando analisamos os processos comunicacionais na Gênese), a Folkcomunicação se fortalece, pois é latente a alta comunicabilidade das formas simbólicas de expressão, como também, a projeção/apropriação dos fenômenos culturais pelas indústrias midiáticas, serem um campo fértil de investigação, em tempos de globalização, em que Marques de Melo aproxima a folkmídia às pesquisas do canadense McLuhan, sobre o “folclore do homem industrial”. Os conceitos tomados das ciências sociais, antropológicas e da linguagem fortalecem a hipótese de Beltrão sobre a necessidade de se traduzir a informação, considerando que em países de alto nível de analfabetismo, a compreensão de temas complexos veiculados pelos meios de comunicação massiva não são totalmente inteligíveis; o resultado desse “ruído” semântico, dessa dificuldade de compreensão, como também, da falta de vontade política, muitas vezes, reflete-se no discurso popular, através dos seus mecanismos de difusão de informações, das artes populares, das práticas culturais e religiosas e do folclore, que tem um conhecimento cristalizado, funcionando como um mecanismo estruturado e que também estrutura a sociedade.

Conclusões da Parte III:

Na Parte III, sobre a Difusão da Folkcomunicação, verificamos que o principal entrave na difusão da folkcomunicação foi: 1) a complexidade desta inovação científica, além de sua indefinição epistemológica; e 2) a caçada de Beltrão, não somente do título de doutor, que viria a receber somente após a abertura política do país, 14 anos depois, mas do direito de difundir e fazer circular as suas idéias no meio acadêmico, através da mutilação teórica na publicação de sua tese.

Conforme as categorias de Rogers, identificamos que a Folkcomunicação nasceu, não precocemente, mas num contexto que não viabilizou seu desenvolvimento e difusão; o que deu-se a partir de 1998, com o respaldo da Cátedra Unesco, com uma série de ações legitimadoras. Imaginamos se Beltrão tivesse ido para o exílio, em outros países, como vários intelectuais brasileiros, a Folkcomunicação não teria sido melhor acolhida e hoje estaria rodando o mundo, principalmente, circulando com um respaldo científico de pesquisadores que trabalham a comunicação em realidades de subdesenvolvimento e de altos níveis de analfabetismo; em que poderiam averiguar “a voz do povo” através de suas “tribunas” populares e buscar soluções de operacionalização da comunicação no espaço social.

Considerações Finais:

O trabalho da folkcomunicação e da folkmídia é realizar essa “ponte” semântica, de significação, além de hermenêutica, interpretando ao povo a importância e a consequência que o “saber daquela informação” vai gerar no espaço social. Por enfrentar questões comunicacionais e de subjetividade do receptor, causam ruídos de significação, que interferem nos processos de inteligência da mensagem, gerando uma série de outros problemas, inclusive de apoio político. Por isso, a proximidade de Beltrão com o “discurso”, a “semilogia” e a “semiótica da cultura”. A questão é de ordem comunicacional (considerando que a referência de Beltrão é o jornalismo ortodoxo), que gera outros problemas sociais. E, além de semântica, política, pois as reivindicações populares, emitidas nas práticas sociais, culturais e folclóricas, precisam ser revertidas em políticas públicas. E aí está o trabalho do líder de *folk* e do folkcomunicador, em realizar essa mediação, para que a informação possa fluir no espaço social.

A questão que a folkcomunicação quer resolver é o fluxo comunicacional, de maneira inteligível para um maior número de pessoas possível, contando que essas terão suas relações interpessoais e buscarão a compreensão de algo muito específico, porém, a compreensão de 90 a 99% da mensagem deve fluir dos meios de comunicação de massa. O que interessa à folkcomunicação é a operacionalização da comunicação no espaço social, com a atuação freqüente do líder *folk* (do governo para o povo) e do folkcomunicador (do povo para o governo e para a sociedade como um todo), fazendo circular a informação mais próxima do seu sentido original possível. Daí a importância da exegese e da hermenêutica, na comunicação primitiva, e do jornalismo especializado, para fazer fluir a informação correta, limpa, de maneira que atenda às necessidades de inteligência do receptor popular.